

REVISTA

SANTUÁRIOS

1



0: Editorial do Min. da Educação e Ciência
350 exemplares
legal: 379932/14

83-3184
8-989-8771-01-8

de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
/ Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes

de Sociologia e Etnologia das Religiões da Faculdade
das Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de
Lisboa (FCSH-UNL)

Faculdade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)
de Artes e Comunicação Social da Universidade
de Vila Real (IACS-UFF) Laboratório de
Artes e Saberes (LOAS)

Centro de Estudos do Endovéllico (CEE)

Município do Alandroal (CMA) / Fórum Cultural
de Alentejo

do Alentejo

nações:
www.fba.ul.pt

Artes e Comunicação Social



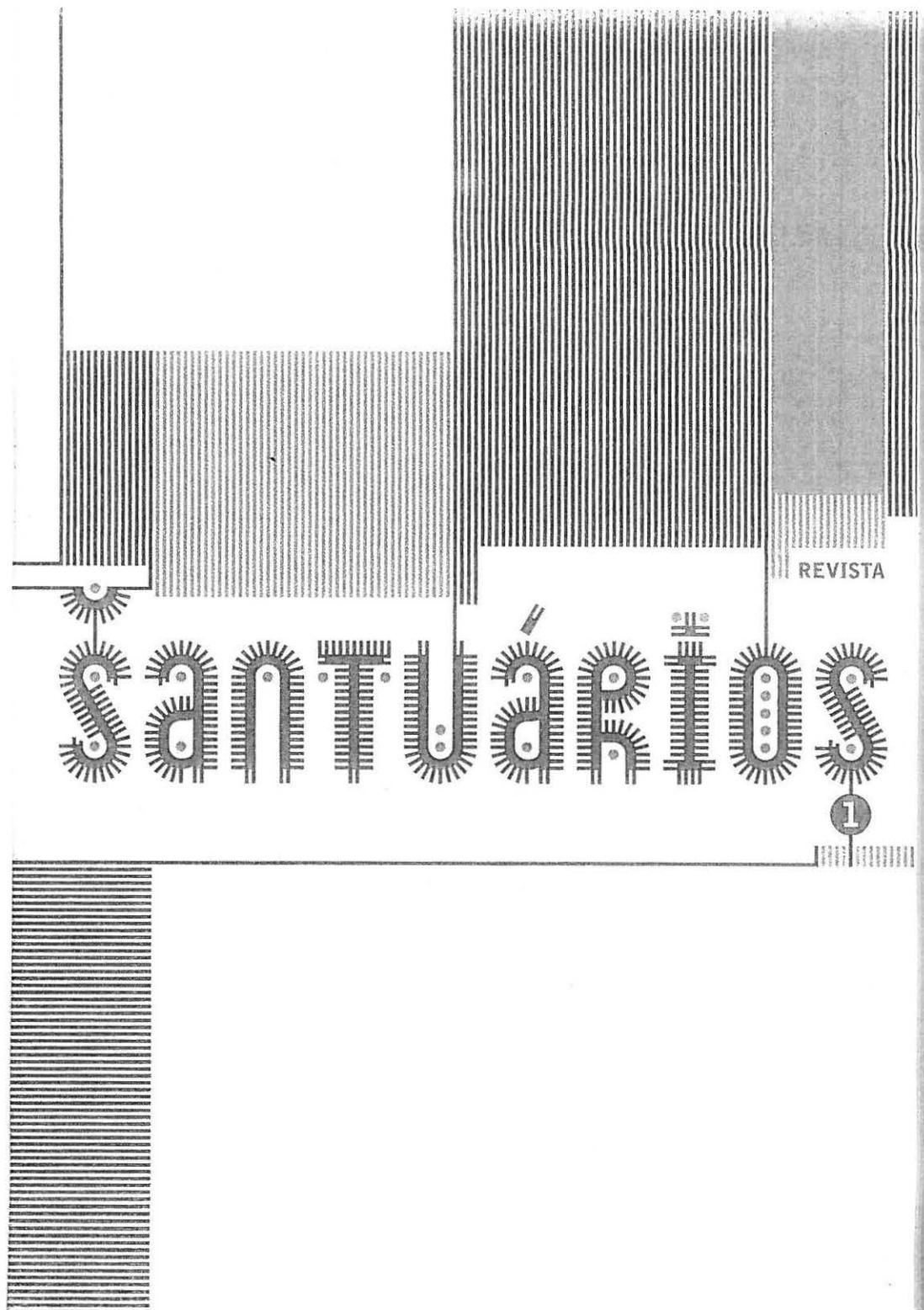
Centro de Estudos
do Endovéllico



alandroal

Apoio:

alentejo
Turismo do Alentejo, E.R.T.



Editorial/Comissão Científica

- Fitas**, Portugal, Coordenadora do Centro de Endovélico, Alandroal
- Belgado**, Portugal, Escola Superior de Arte e Instituto Politécnico de Leiria
- Costa**, Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa / Centro de Estudos e de Investigação em Belas-Artes
- Luís Pereira**, Brasil, Escola de Belas-Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- de Andrade Buco**, Brasil, IPHAN-Fortaleza
- António Baptista Pereira**, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa / Centro de Estudos e de Investigação em Belas-Artes
- Trolletti**, Itália, Universidade de Trento
- Luís**, Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa / Centro de Estudos e de Investigação em Belas-Artes
- Arce Arévalo**, Espanha, Universidade da Coruña
- Luís**, Portugal, Universidade de Évora
- Queiroz**, Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa / Centro de Estudos e de Investigação em Belas-Artes
- Reis**, Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa / Centro de Estudos e de Investigação em Belas-Artes
- João Homobono**, Espanha, Universidade do País Basco
- García Arranz**, Espanha, Universidade da Coruña
- Caravana Guelman**, Brasil, Instituto de Artes e Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense
- de Gonçalves**, Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa / Centro de Estudos e de Investigação em Belas-Artes
- Alado**, Brasil, IEPA — Instituto de Pesquisa e Tecnológica do Estado do Amapá
- Salvatori**, Brasil, Instituto de Artes, Universidade Federal de Rio Grande do Sul
- Joões de Abreu**, Portugal, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real
- Erros**, Brasil, Universidade Federal do Maranhão
- espírito Santo**, Portugal, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Nova de Lisboa
- Armento**, Reino Unido (Escócia), Scottish Arts Workshop, Aberdeen
- Saraneopoulos**, Grécia/Portugal, Centro de Estudos e de Investigação em Belas-Artes
- Costa**, Brasil, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Luís**, Portugal, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Nova de Lisboa
- Luís**, Portugal, Investigador
- Rodríguez Becerra**, Espanha, Universidade

Introdução aos Santuários

MOISÉS ESPÍRITO SANTO
13-15

1. Artigos

O Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego

AIDA CARVALHO
17-25

Oniromancia Endovelico. Sueños fatídicos/sueños salutíferos/sueños proféticos y necromancia

ANA MARIA VÁZQUEZ HOYS
26-32

Santa Ana e o Culto dos Pepinos em Talaulim (Goa—Índia)

ANA PAULA FITAS
33-38

Seiça: histórias e memórias de um santuário esquecido

ANA SOFIA DUQUE
39-50

Cabo de São Vicente: histórias, letras e sentimentos

ARTUR VIEIRA DE JESUS
51-57

Trilhando caminhos, (re)construindo memórias: Etnografia de uma Associação de Peregrinos no Rio de Janeiro

CAMILA SIMÕES PIRES PACHECO
58-61

Introdução aos Santuários

MOISÉS ESPÍRITO SANTO
13-15

1. Artigos

The Shrine of Nossa Senhora dos Remédios, in Lamego

AIDA CARVALHO
17-25

Oniromancia Endovelico. Dreams fateful/dreams salutary/prophetic dreams and necromancy

ANA MARIA VÁZQUEZ HOYS
26-32

St. Ana and the Feast of Cucumbers at Talaulim (Goa—India)

ANA PAULA FITAS
33-38

Seiça: stories and memories of a forgotten sanctuary

ANA SOFIA DUQUE
39-50

Cape St. Vincent: stories, writings and feelings

ARTUR VIEIRA DE JESUS
51-57

Treading paths, reconstructing memories: Ethnography of an Association of Pilgrims in Rio de Janeiro

CAMILA SIMÕES PIRES PACHECO
58-61

**Os Orixás na Paisagem Carioca.
Construção cultural do santuário
afro-brasileiro em Copacabana**

CLAUDIA CASTELLANO DE MENEZES,
CRISTIANE ROSE DE SIQUEIRA DUARTE &
ETHEL PINHEIRO SANTANA
62-68

**Artesanato e fé: narrativas de
uma Mestra Griô sobre romarias
e o Santuário de Padre Cícero**

CLÁUDIA MATOS PEREIRA
69-81

**O Lago Branco e a Procura
da "Terra sem Males"**

CLAUDIO ZANNONI
82-86

**O Vale Da Serra Branca
Um Santuário Da Pré-História**

CRISTIANE DE ANDRADE BUCO
87-96

**Ataegina uma divindade
Paleohispânica**

CRISTINA MARIA GRILLO LOPES
97-103

**Matriz de São José:
Patrimônio Cultural e
Religiosidade no Interior de
Minas Gerais**

EDYLANE EITERER
104-109

**Transformaciones del santuario
de la Virgen de la Cabeza
(Andújar, Jaén) entre los siglos
XIII al XVIII**

ENRIQUE GOMEZ MARTINEZ
110-115

**The Orixás in Landscape Carioca.
Cultural construction of
african-brazilian sanctuary
in Copacabana**

CLAUDIA CASTELLANO DE MENEZES,
CRISTIANE ROSE DE SIQUEIRA DUARTE &
ETHEL PINHEIRO SANTANA
62-68

**Crafts and faith: the Master Griô's
narratives about pilgrimages and
the Sanctuary of Padre Cicero**

CLAUDIA MATOS PEREIRA
69-81

**The White Lake and the search of
the "land without evils"**

CLAUDIO ZANNONI
82-86

**Valley of Serra Branca
A Sanctuary of the Pre-History**

CRISTIANE DE ANDRADE BUCO
87-96

**Ataegina one Paleohispânica
divinity**

CRISTINA MARIA GRILLO LOPES
97-103

**Church of São José: Religiosity and
Cultural Heritage in the Interior of
Minas Gerais**

EDYLANE EITERER
104-109

**Transformations of the sanctuary
of the Virgen de la Cabeza
(Andújar, Jaén) between the 13th
to the 18th centuries**

ENRIQUE GOMEZ MARTINEZ
110-115

**O santuário do Cabo Espichel:
a Lenda, o Espírito do Lugar
e o modo de os dar-a-ver**

FERNANDO ANTÔNIO BAPTISTA PEREIRA
116-125

**O santuário de Kamakhya:
Tantra-vermelho-mulher, na
cidade das luzes do Oriente
(Assam-Índia)**

FERNANDO CARDOSO
126-132

**Peregrinos Urbanos e Turistas
Religiosos no Santuário de
Fátima em Fortaleza, Ceará**

FRANCISCO AGILEU DE LIMA GADELHA,
LETÍCIA NEVES SOUZA & SYLVANA
MARIA BRANDÃO DE AGUIAR
133-137

**Il santuario delle sante
Faustina e Liberata a
Capo di Ponte: il doppio
femminile dalla Protostoria
al Cristianesimo**

FEDERICO TROLETTI
138-146

**Peregrinações em São
Mateus (Espírito Santo):
passagens dos Reis de Boi**

GISELE LOURENÇATO FALEIROS DA ROCHA
147-154

Retábulo – Casa de Santos

ILÍDIO SALTEIRO
155-159

**The sanctuary of Cabo Espichel:
Legend, the Spirit of Place and
mode of the give-a-view**

FERNANDO ANTONIO BAPTISTA PEREIRA
116-125

**Tantra-red-woman in the city
of eastern lights (Assam-Índia)**

FERNANDO CARDOSO
126-132

**Urban Pilgrims and Religious
Tourists at the Fatima Sanctuary
in Fortaleza, Ceará**

FRANCISCO AGILEU DE LIMA GADELHA,
LETÍCIA NEVES SOUZA & SYLVANA
MARIA BRANDÃO DE AGUIAR
133-137

**The sanctuary of the holy
Faustina e Liberata in Capo di
Ponte: the women's doubles from
the Early History of Christianity**

FEDERICO TROLETTI
138-146

**Pilgrimage in São Mateus
(Espírito Santo): passages
of Kings Boi**

GISELE LOURENÇATO FALEIROS DA ROCHA
147-154

Altarpiece – House of Saints

ILÍDIO SALTEIRO
155-159

artigos

SANTUÁRIOS

O Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego

The Shrine of Nossa Senhora dos Remédios, in Lamego

Aida Carvalho*

*Portugal, Professora, Investigadora, Instituto Politécnico de Bragança, Centro de Estudos em Letras (CEL).
E-mail: acarvalho@ipb.pt.

Artigo completo submetido a 3 de junho e aprovado a 14 de junho de 2014

Resumo: No século XVI surgiram novas concepções religiosas em virtude da necessidade de reafirmar as perspetivas católicas e de se fazer cumprir as principais decisões de Concílio de Trento (1545 e 1563). Com este propósito surgiram novos espaços religiosos com intuito de grassar a devoção mariana, destacando-se o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego. O edifício foi erigido no cimo do monte de Santo Estevão; um espaço ímpar com grande capacidade de atração na região do Douro.

Palavras chave: Santuário / Festa / Turismo Religioso.

Abstract: *New religious conceptions arose in the sixteenth century because of the need to reaffirm the Catholic perspectives and to enforce key decisions of the Council of Trent (1545 and 1563). With this religious purpose new spaces emerged in order to rage the Marian devotion, highlighting the shrine of Nossa Senhora dos Remédios in Lamego. The building was erected on the hill of St. Estevão; it is an space with great attractiveness in the Douro region.*

Keywords: *Religious tourism / shrine / festivity.*

Introdução

O santuário de Nossa Senhora dos Remédios, situa-se no Monte de Santo Estevão, no concelho de Lamego, distrito de Viseu. O concelho está dividido em 24 freguesias, duas urbanas (Almacave e Sé) e as restantes rurais, ocupando uma área geográfica de 164 Km². Ao longo dos tempos, a região de Lamego tem sido reputada, na gíria popular, como o “coração do Douro Sul”, sendo o Santuário muito apreciado pela sua beleza arquitetónica, gozando de enorme prestígio e de grandes privilégios, transformando-se num espaço vivo à volta do qual gravita grande parte da vida dos lamecenses.

1. História do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios

A construção do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios deve-se ao cônego José Pinto Teixeira, juiz da Irmandade do mesmo nome que, após a receção da denúncia do estado degradado em que se encontrava a capela a Santo Estevão, deliberou, em sessão de Mesa Administrativa, a edificação de um novo edifício por «se achar a dita capella em suas ruínas» (*Dicionário Geográfico* Vol. XLX 1758:296-297).

A construção foi de aperfeiçoamento demorado, desenvolvendo-se ao longo de quatro fases, do ano de 1750 até ao ano de 1969.

Quadro 1. Fases de construção

1ª Fase (1750-1778)	2ª Fase (1778-1868)	3ª Fase (1868-1905)	4ª Fase (1917-1969)
<ul style="list-style-type: none"> • A construção da Igreja; • Organização do espaço interior - (retábulo-mor; retábulos laterais; púlpitos). 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção do escadório (as fontes; o Pátio dos Reis; a Capela de Jesus, Maria e de José; a Cruz monolítica). 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconstrução e ampliação da igreja; • Ampliação do espaço exterior (as torres que ladeiam o frontispício e alteração do frontão); • Outras obras no Santuário; • A construção do Parque Arbóreo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão do escadório.

Conforme o quadro indica, as obras iam crescendo a um ritmo lento, pois estavam dependentes da disponibilidade financeira da Irmandade. No ano de 1761, onze anos após o lançamento da primeira pedra, D. Feliciano inaugurou a capela, ordenando que a imagem da Virgem fosse transladada para o novo espaço. A inauguração foi precedida de um aparato cerimonial, sagrando o altar principal ao gosto católico, na forma do *Ritual Romano*, de Paulo V. De modo a tornar o edifício mais atrativo, procuraram-se soluções atualizadas, pois pretendia-se que os indivíduos que o frequentassem tivessem uma visão esplêndida do local, visando reforçar a devoção à Virgem dos Remédios que, num jogo de intertextualidades, entre retábulos e imagens dos Santos e das Virgens, comovessem os sentidos. A arte catequizava e deslumbrava, mas também legitimava, convencendo o povo a participar ativamente nas atividades da Irmandade e/ou a novas adesões. Nesta missiva, a instituição tornou-se cliente de artistas, entalhadores, ensambladores, pintores, douradores e escultores. O andamento das obras permearam vários períodos e épocas distintas, decorrendo uma boa parte sob a orientação política da Monarquia, mais tarde sob a orientação da Primeira República e, já na última fase, sob a influência doutrinária do Estado Novo. Esta construção foi a maior obra de vulto da Irmandade e quicá da região do Douro.

Para uma melhor difusão e atratividade do Santuário realizavam-se várias ações, nomeadamente missas e sermões na respetiva capela. O local foi ainda agraciado com a atribuição de *Breves Apostólicos* (1780, 1802, 1871) da Santa Sé e de cartas de privilégios da Coroa. Estes documentos eram instrumentos político-constitucionais com uma dupla função: por um lado, divulgavam o Santuário e, por outro, serviam de estratégias de controlo espiritual; mais do que o seu valor enquanto atos normativos, promoviam a união dos fiéis e produziam economias de escala da fé necessárias para assegurar e reforçar o papel dos devotos que procuravam lenitivos e indulgências para a diminuição ou remissão dos seus pecados.

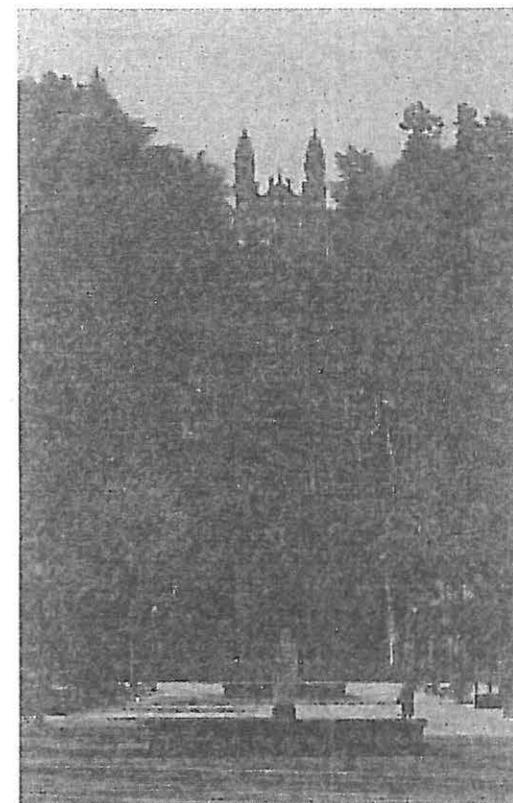


Fig. 1. Localização geográfica. Elaboração própria, com base no *Geographic Information System (GIS)*.

Fig. 2. Vista geral do Santuário. Foto de Nuno Silva & Aida Carvalho (2011)

Fig. 3. Vista exterior da Capela. Foto de Nuno Silva & Aida Carvalho (2011)

Esta capacidade de regeneração foi fundamental para a reatualização do Santuário, destacando-se do lugar-comum, ganhando novas centralidades, conciliando tradição e modernidade, celebrando-se, por exemplo, a festa religiosa.

2. A Festa Religiosa

No Santuário realiza-se, há pelo menos quatro séculos, a festa religiosa em honra de Nossa Senhora dos Remédios, no dia oito de setembro. O programa festivo é diverso combinando eventos de carácter religiosos como as novenas, missas, pregações e procissões, com outros de carácter mais profano, arraial, desfiles etnográficos, entre outros. Esta tendência para o fausto tem o seu momento mais alto com a Procissão do Triunfo, no dia 08 de setembro, que, apesar de imbuída na mescla profana, conserva em si um reduto religioso, conferindo uma ilusão da realidade, agitando as emoções do povo. A participação na festa implica a adesão a um conjunto de práticas e rituais desde o pagamento das promessas, reza do terço e/ou pedido de graças a Nossa Senhora para que esta advogue em sua defesa.

Outrora, o sacrifício mais comum era o de subir os 686 degraus de joelhos, dos onze lanços do escadório, recentemente opta-se pela subida a pé. O sacrifício faz parte da viagem espiritual como forma de agradecimento pessoal e/ou forma de esquecer o pecado. Após chegar ao cimo do escadório, os devotos dão três voltas à capela do santuário. Através destes círculos o indivíduo «pretende entrar na posse de alguma coisa; para os fiéis trata-se de possuir a mãe» (Espírito Santo 1990: 140). As deambulações circulares podem ser executadas de joelhos ou de pés descalços, expressando estados de alma, «descalçar-se é evocar o estado em que se veio ao mundo, a inteira nudez; ajoelhar equivale a «voltar a ser pequeno», condição, segundo os Evangelhos, para penetrar no «Reino do Pai»» (Idem). As voltas, em torno da capela, são realizadas no sentido da esquerda para a direita «sinal idêntico ao do sinal da Cruz» (Idem, *Ibidem*), sinal ascético e forma de penitência.

Elas contam fundamentalmente de ofertas ou da prática de certos actos, umas e outras com carácter ora comum ora específico. De entre as promessas comuns e de carácter geral, que mostram a mesma forma seja em que romaria for, indiferentemente da natureza do mal por que se pediu, e dirigindo-se indistintamente a qualquer santo, as mais correntes são as promessas de um certo número de voltas – em geral três – ao Santuário, de joelhos, rezando, com o rosário ou a imagem nas mãos (Oliveira 1994: 222).

Recentemente, parte destes rituais foram substituídos por ofertas em dinheiro e velas queimadas no próprio recinto do Santuário, conforme a figura 5:

Os círios e os ex-votos deixados no altar-mor da capela do santuário são as dádivas mais comuns. O crente expressa através destes meios a sua confiança no poder da Virgem, cuidando dela como se de um ente querido se tratasse. São símbolos público de gratidão pela obtenção da graça divina, conforme figura:

O transe contemplativo, a oração e a promessa são atos que testemunham as práticas devocionais para expiação dos pecados. Oromeiro deverá regressar a casa purificado do pecado original ou do pecado pessoal. Por isso, beber água das fontes do Santuário é, também, um ritual que liga os devotos a uma significação de símbolos, reportando ao oceano, matriz primordial e ao meio amniótico materno, pelo que «qualquer rito que utilize a água evoca o contacto com a mãe, em vista de um novo nascimento ou de regeneração» (Espírito Santo, 1990:35). Em todo o espaço são abundantes as fontes porque, segundo o povo, a água é milagrosa, conforme Figuras 7 e 8:

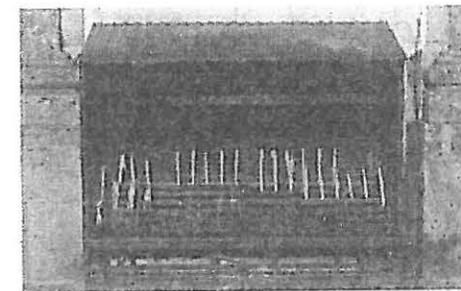


Fig. 4. Pormenor da Torre Sineira. Foto de Nuno Silva & Aida Carvalho (2011)

Fig. 5. Queimador localizado na parte exterior do Santuário. Foto de Nuno Silva & Aida Carvalho (2011)

Fig. 6. Oferta de Ex-Voto. Foto de Nuno Silva & Aida Carvalho (2011)

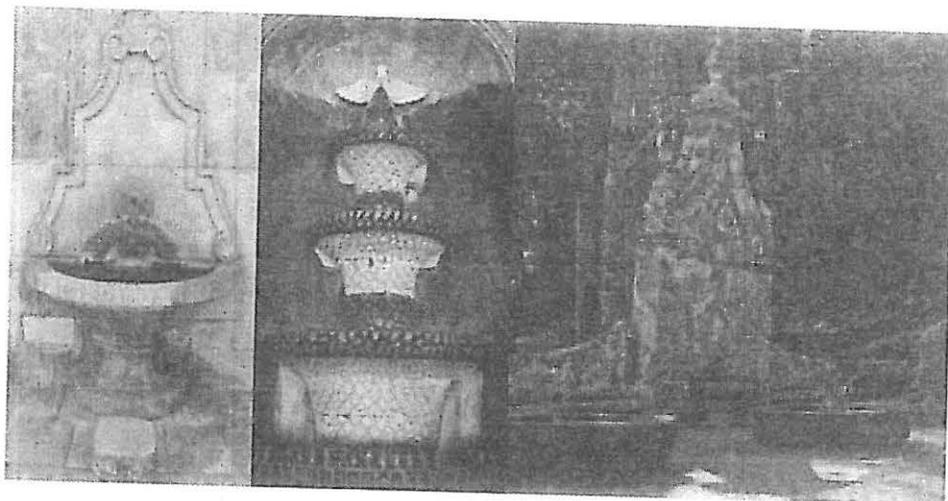


Fig. 7. Fontes localizadas no Santuário. Foto de Nuno Silva & Aida Carvalho (2011)

Na localidade ninguém fica indiferente a este hino de celebração da vida religiosa que empresta cores e dá uma nova vida e movimento às ruas da cidade de Lamego, bem como ao Santuário. Os eventos de cariz religioso, procissões e missa da festa com sermão, cruzam-se com outros de caráter mais lúdico como os eventos etnográficos, desportivos e/ou recreativos como o fogo-de-artifício, espetáculos de variedades musicais, cortejos etnográficos, manifestações de artesanato, jogos populares e, ainda, elementos de natureza económico-social, como as feiras de gado e de produtos agrícolas e as mostras de artesanato, constituindo um cartaz turístico-cultural admirável, mercê da alegria do povo. A região encontra na festa um pilar da identidade cultural, por isso a entreaajuda entre as instituições foi fundamental para o seu desenvolvimento, otimizando as oportunidades.

3. Contributo das Instituições locais

Reconhecendo a crescente importância das visitas ao santuário, a Irmandade enquanto gestora do espaço, foi alargando as alternativas para a sua fruição, recorrendo ao empenho das instituições locais e dos habitantes que se encarregavam de dar corpo às obras efémeras, dinamizando o espaço destinado às diferentes ações festivas. Esta forma de colaboração foi axial para a boa organização da festa sendo concomitantemente uma oportunidade para as instituições se posicionarem socialmente, adquirindo visibilidade.

Foi presente à Mesa um ofício do - Club Sport- a pedir que a Mesa destinasse um prémio para o concorrente que se distinguisse nos trabalhos que o mesmo - Club Sport- tencionava apresentar. A Mesa resolveu que se destinasse um premio até ao valor de cinco escudos. Resolveu mais a Mesa fixar também os prémios seguintes: os de doze escudos, para a melhor junta de bois; o de dez escudos para o melhor cavalo; o de oito escudos para a melhor junta de vacas; o de um alfinete até ao valor de dois escudos e cinco centavos para o que mais de distinguisse na corrida dos jericos (AINSRL 1903-1917:64vs).

Este texto, em si mesmo, é esclarecedor da importância decisiva da festa na comunidade local, sobrevivendo aparentemente incólume; procurou apoio junto de instituições civis, reflexo evidente do seu modelo de cooperação. Não obstante, esta forma de pedido também pode ser entendida como uma aposta da Irmandade/Festa em diversificar e melhorar o seu cartaz festivo através da criação de novos eventos mais adequados aos atuais "perfis" dos romeiros, reforçando a sua imagem.

A programação é mesclada por critérios comerciais e/ou de natureza diversa onde a música, provas desportivas e os espetáculos pirotécnicos preenchem os dias da festa, tornando a festa de Nossa Senhora dos Remédios a *Romaria de Portugal*, ganhando bairrismo, brilhantismo e brio na concorrência. A este propósito, o juiz apelava a uma comissão de Irmãos para "se entender com as senhoras da sociedade lamecense para a organização de jures para apreciação dos labores expostos" (AINSRL 1903-1917: 85vs), demonstrando uma preocupação com os preparativos da festa. Sendo certo que a ocasião era multitudinária e mostruário das estruturas rurais e locais, o esmero da Irmandade era evidente pois poderia obter grandes benefícios promocionais, aproximando o povo do santuário, tentando/ganhando novas adesões. Além disso, num tempo de maior pendor financeiro, o apoio destas instituições foi fundamental no que tange ao auxílio pecuniário, conforme texto:

O fogo, as iluminações do Santuário e do Parque e a procissão, o que trazia muita avultada despeza, não se encarregando nem concorrendo por falta de recursos pecuniários, para os festivos da cidade, esperando que os habitantes d'ella, visto esta festa ser também da cidade e de seus habitantes e não exclusivo da Irmandade,

tomassem a iniciativa de promoverem tais festas e para isso resolveu que se oficiasse sobre este assunto tanto à Câmara Municipal como à Associação Comercial (AINSRL 1903-1917: 72).

Como se depreende, a apoteose de luz assumia um papel central na estratégia de promoção do Santuário; as ruas e os locais públicos passaram a ostentar construções decorativas cuja arquitetura ornamental tinha ressonâncias com o período barroco. Estes elementos festivos foram fundamentais para promover a participação alargada de todos os indivíduos, mesmo os não católicos. A Irmandade convocava o público através da publicitação de «cartazes espalhados pelas monstas da cidade» (AINSRL 1973: 8vs) e com recurso a anúncios, avisos, toque de sinos e foguetes de modo a que a notícia ultrapassasse o círculo local «e adiram a esta homenagem» (*Idem*) diferentes públicos.

Conclusão

No intuito de criar um centro de peregrinações foi [re]fundado o santuário de Nossa Senhora dos Remédios cuja primeira pedra foi lançada no ano de 1750. Esta construção foi fundamental para enquadrar e dirigir o fenómeno devocional que exponencialmente ia crescendo à Virgem dos Remédios, encontrando neste local um pulmão de homeostasia cultural: «Os santuários podem oferecer e oferecem esta marca central para a organização primária da vida, o que esclarece a sua procura e o desenvolvimento da vida ritual devocional no seu perímetro» (Lima 2003: 36-37). Granjeou interesse como testemunho simbólico e religioso, estético e arquitetónico, numa região sem grandes construções arquitectónicas, movimentando grandes estaleiros das comunidades monásticas e/ou grandes encomendas; proliferando antes uma construção de cariz popular e rudimentar a insinuar uma economia sem recurso a grandes fortunas, sendo, por isso, admirável a audácia do cônego José Pinto Teixeira, juiz da Irmandade, em mandar construir este monumento, iniciado no ano de 1750, e desenvolvido ao longo de quatro fases (1ª fase:1750-1778, 2ª fase:1778-1868, 3ª fase: 1868-1905 e 4ª fase:1917-1969).

Ao longo do tempo conheceu novas funções mormente no que respeita à reutilização do espaço, com outros propósitos pios, realizando eventos de cariz mais prosaico, entre eles, destaca-se a realização anual da festa a Nossa Senhora dos Remédios, no dia 08 de setembro; a festa é um misto de expressão de fé e cultura popular, cuja importância se encontra profundamente enraizada na memória dos seus participantes, aglutinando pessoas vindas de localidades mais ou menos distantes com tendência a uma massificação graças à difusão de novos canais. Esta tendência avinha-lhe desde fortalece o turismo religioso para a região, atraindo cada vez mais novos públicos.

Referências

Fontes Manuscritas

Arquivo da Irmandade da Nossa Senhora dos Remédios de Lamego

I - História do Santuário e da Irmandade

Livro dos Termos da Meza da Irmandade da Nossa

Senhora dos Remédios, 1807-1850;

Livro de Sesseos da Irmandade da Nossa Senhora dos Remédios, 1848-1869;

Costa, Manoel Joze Rodrigues da (1866): *Lembranças para o muito Reverendo Capellão da Irmandade da Rial Capella de Nossa Senhora dos Remédios;*

Actas das Sessões da Confraria da Nossa Senhora dos Remédios, 1870-1880;

Actas das Sessões da Meza da Irmandade, 1880-1895;

Livro das Actas das Sessões da Mesa da Real Irmandade da Nossa dos Remédios, 1895-1897;

Livro das Actas da Irmandade da Senhora dos Remédios, 1897-1903;

Livro das Actas das Sessões, 1903-1907;

Actas das Sessões, 1917-1921;

Actas das Deliberações da Mesa Administrativa, 1921-1929;

Actas das Deliberações da Mesa Administrativa, 1921-1929;

Livro das Actas da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, 1938-1945;

Actas das Sessões, 1960-1973.

II - Documentos Eclesiásticos

Cópia da *Pastoral de 31 de Agosto de 1776*, in 2º dossier, Iº grupo - *Breves Pontifícios* e outros documentos.

Breve Pontifício de 14 de Maio de 1777, in 2º dossier, Iº grupo - *Breves Pontifícios* e outros documentos eclesiásticos.

Petição de licença para bênção da capela, in 2º dossier, Iº grupo - *Breves Pontifícios* e outros documentos eclesiásticos, 1778.

Termo de bênção do corpo da capela, in 2º dossier, Iº grupo - *Breves Pontifícios* e outros documentos eclesiásticos.

Cópia do texto do *Breve Pontifício* de Pio VI, 1780.

Breve Pontifício de 6 de Agosto de 1802, in 2º dossier, Iº grupo - *Breves Pontifícios* e outros documentos eclesiásticos.

Estatutos, 1913, in *Estatutos*, 2º volume.

Estatutos, 1965, in *Estatutos*, 2º volume.

III - Alvarás régios e outros documentos

Alvará régio de 17 de Maio de 1814, in 2º dossier, 2º grupo *Alvarás régios* e outros.

Alvará régio de 30 de Novembro de 1859, in 2º dossier, 2º grupo.

Carta régia de 15 de Maio de 1878, in 2º dossier, 2º grupo.

Alvará do Governo Civil de Viseu in 2º Dossier, 2º Grupo - *Alvarás régios* e outros, 1891.

Petição ao Rei, in 2º dossier, 2º grupo - *Alvarás régios* e outros, 1901.

Bibliografia geral

Cabral, Manuel Vilaverde *et al* (2000). *Atitudes e Práticas Religiosas dos Portugueses*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Cabral, João de Pina (1997). *O pagamento do santo - uma tipologia interpretativa dos ex-votos no contexto socio-económico português*. In Museu Antropológico (Eds.), *Milagre que Fez* (pp. 79-104). Coimbra: Museu Antropológico da Universidade de Coimbra

Costa, Américo (1940). *Diccionario Chorografico de Portugal Continental e Insular*. Vila do Conde: Typographia Privada do Diccionario Chorographico Azurara. Vol. I

Espírito Santo, Moisés (1990). *A religião Popular Portuguesa*. Lisboa: Editora Assirio & Alvim.

Oliveira, Ernesto Veiga de (1994). *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.